

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2024-03-27

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Ramos, M. (2023). A imensidão e complexidade do mundo para além das nossas fronteiras mentais e culturais. In Patrícia Magalhães Ferreira, Fernando Jorge Cardoso (Ed.), *5ª Conferência de Lisboa: Rumo a uma Nova Ordem Mundial?*. (pp. 222-225). Lisbon: Clube de Lisboa.

Further information on publisher's website:

<https://www.clubelisboa.pt/conferencias/conferencias-de-lisboa/conferencias/5a-conferencia/livro-5a-conferencia-de-lisboa/>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Ramos, M. (2023). A imensidão e complexidade do mundo para além das nossas fronteiras mentais e culturais. In Patrícia Magalhães Ferreira, Fernando Jorge Cardoso (Ed.), *5ª Conferência de Lisboa: Rumo a uma Nova Ordem Mundial?*. (pp. 222-225). Lisbon: Clube de Lisboa.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

A IMENSIDÃO E COMPLEXIDADE DO MUNDO PARA ALÉM DAS NOSSAS FRONTEIRAS MENTAIS E CULTURAIS

Nós, humanos, temos tendência a ser muito autocentrados. Isto resulta, normalmente, do efeito das nossas limitações em termos de enfoque e abrangência da atenção. Quando nos focamos num modo de ver as coisas, tornamo-nos cegos em relação a possibilidades alternativas. Ao definirmos que o nosso ponto de vista é o ponto de partida para compreender o mundo, não imaginamos que este pode ser compreendido a partir de muitos outros pontos de vista iniciais.

Os gregos imaginavam que o “umbigo do mundo” estava algures em Pontus, entre as ilhas gregas e a Pérsia. Na Idade Média, os cristãos mudaram esse centro do mundo para Jerusalém, uma manobra que dificilmente se compara às noções chinesas, indianas, astecas ou australianas de posicionamento geográfico e simbólico. Intellectualmente, podemos

THE IMMENSITY AND COMPLEXITY OF THE WORLD BEYOND OUR MENTAL AND CULTURAL BORDERS

We, humans, tend to be very self-centred. This is usually the double effect of our limited focus and scope. When we focus on a way of seeing, we become blind to alternative possibilities. Because we define that our point of view is the starting point to understand the world, we cannot imagine it can be understood from many others starting points of view.

The Greeks imagined the navel of the world to be somewhere in Pontus, between the Greek islands and Persia. In the Middle Ages, Christians shifted the navel of the world to Jerusalem, a move that hardly matches Chinese, Indian, Aztec, or Australian notions of geographic and symbolic positionality. We may intellectually acknowledge that other people have other views and other focuses, but we are never prepared to give them the right of precedence over ours.

reconhecer que as outras pessoas têm outros pontos de vista e outros enfoques, mas nunca estamos preparados para lhes dar o direito de precedência sobre os nossos.

Nas discussões geopolíticas e geoeconómicas atuais, é comum dizer-se que estamos perante um reordenamento e reequilíbrio dos assuntos internacionais que implicam uma perda de centralidade do chamado “Ocidente”. Normalmente, isso significa a mudança do eixo do Atlântico para a Ásia ou a Eurásia. Esta leitura pode fazer algum sentido, mas devemos admitir que faz parte de uma compreensão antagónica do equilíbrio de poder.

Até à Revolução Industrial, ou seja, até os países ocidentais começarem a dominar e controlar a energia dos hidrocarbonetos, Londres, Paris, Berlim ou Amsterdão nunca figurariam entre as capitais com grande centralidade ou relevância, pois os europeus admiravam a Índia e a China enquanto civilizações incomparáveis. Atualmente, de forma gradual, narrativas pessimistas vêm lamentar o possível fim da cen-

In today's geopolitical and geoeconomics discussions, it is common to hear that we are facing a reordering and rebalancing of the world's affairs that implies a shift of centrality from the so-called West. Usually this means the shift from the Atlantic axis to Asia or Eurasia. Maybe this reading makes any good sense, but we must admit that it is part of an antagonistic understanding of power balance.

Until the Industrial Revolution, that is, until the Western countries began mastering and controlling hydrocarbon energy, London, Paris, Berlin or Amsterdam would never feature as capitals with any centrality or relevance, as Europeans looked up to India and China as unmatched civilisations. Now, gradually, pessimistic narratives lament the possible end of Euro-American centrality and the rise of new competing powers.

Simultaneously, we hear of a renovated, anti-colonial discursivity coming from various quarters, challenging the Western notions of Western-inspired globalisation. Presi-

tralidade euro-americana e a ascensão de novas potências concorrentes.

Simultaneamente, testemunhamos um discurso anticolonial renovado, proveniente de vários quadrantes, que desafia as noções ocidentais de uma globalização de inspiração ocidental. O presidente Xi Jinping afirmou mais de uma vez que o papel da China é, nas suas palavras, libertar o mundo dos males do capitalismo predatório ocidental e ultrapassar o século da humilhação. Salientou ainda a responsabilidade histórica britânica, americana, francesa e alemã nas tragédias que a China teve de suportar ao longo do século XX.

O primeiro-ministro da Índia, assim como os presidentes da Rússia, também veicularam reclamações semelhantes. Esse tipo de observação é geralmente rejeitado por pensadores e políticos ocidentais como reflexões egoístas de autocratas que não desejam compreender totalmente a bondade dos valores democráticos inspirados no Ocidente. Mas, novamente, como podemos entender as questões do mundo, senão

dent Xi Jinping has more than once remarked that China's role is to free the world from the evils of Western predatory capitalism and overcome the century of humiliation – in his words. He has pointed to British, US, French and German historical responsibility in the tragedies that China has had to endure throughout the 20th century.

India's prime minister, as well as Russia's presidents, have also uttered similar complaints. Such kind of remarks are usually brushed off by Western thinkers and politicians as self-serving musings of autocrats unwilling to fully grasp the goodness of Western inspired democratic values. But again, how can we understand the world matters, if not through our own eyes, from our own point of view?

Afghanistan may rightly apply to be today's navel of the world. It has been known to be the Cemetery of Empires, and Alexander the Great, who has been seen in the West as the uniter of the East and West, a symbol of a unified Eurasia, has ended his oriental drive in Afghanistan. The

através dos nossos próprios olhos e do nosso próprio ponto de vista?

O Afeganistão pode, com razão, candidatar-se a ser o "umbigo do mundo" atualmente. É conhecido por ser o Cemitério dos Impérios e Alexandre, o Grande, que era visto no Ocidente como o unificador do Oriente e do Ocidente, um símbolo de uma Eurásia unificada, encerrou sua investida oriental no Afeganistão. Os mongóis, os britânicos, os soviéticos e, recentemente, a NATO liderada pelos americanos, enfrentaram destinos amargos no Afeganistão. Portanto, podem ser levantadas dúvidas legítimas sobre a narrativa oficial em torno da retirada das forças de Cabul após 20 anos de ocupação benevolente do país.

Dois fatores estão na base de possíveis dúvidas sobre esta narrativa. Em primeiro lugar, as notícias do interesse chinês no país, nomeadamente nos seus imensos recursos em minerais de terras raras, cruciais para a indústria dos chips e para a motorização alimentada por baterias. Em segundo

Mongols, the British, the Soviets, and lately the American led NATO, have met bitter fates in Afghanistan. Therefore, legitimate doubts can be raised about the official narrative surrounding the pull-out of forces from Kabul after 20 years of benevolent occupation of the country.

Two factors underpin possible doubts about this narrative. First, news of Chinese interest in the country, namely eyeing its immense resources in rare earth minerals, which are crucial for the chip industry and for battery powered motorisation. Secondly, renovated interest in oil and gas pipelining through Afghanistan to connect Central Asia and Russia to Pakistan, India and beyond. In the early 90s, US oil digging companies developed complex exploratory projects to link the Pakistani gas and oil sites to the Pakistani shores. That was shelved because the friendly Northern League could not overwhelm the Pashtun Taliban, and 20 years of liberation of Afghanistan have not managed to resurrect these old projects.

lugar, o interesse renovado no transporte de petróleo e gás através do Afeganistão para conectar a Ásia Central e a Rússia ao Paquistão, Índia e mais além. No início dos anos 90, as empresas de exploração de petróleo dos EUA desenvolveram projetos exploratórios complexos para ligar os locais de gás e petróleo do Paquistão à respetiva costa. Isso acabou por ser suspenso, pois a amistosa Liga Norte não conseguiu subjugar os talibãs pashtuns e 20 anos de libertação do Afeganistão não foram suficientes para ressuscitar esses antigos projetos.

Mas, de repente, alguns meses após a retirada da NATO, o governo chinês anunciou discretamente que a gigantesca *Belt and Road Initiative*, a chamada Nova Rota da Seda, se estenderia para o sul, de forma a incluir uma extensão que abrange o Afeganistão. Essa nota discreta não fez manchete nos media ocidentais, como não o faz nada que esteja relacionado com a expansão progressiva da *Belt and Road Initiative* nas estepes da Ásia Central, ou os acordos assinados em Samarcanda na última cimeira da Organização para a Cooperação de Xangai.

But suddenly, a few months after the NATO retreat, the Chinese Government quietly announced that the gigantic Belt and Road Initiative, the so-called New Silk Road, would extend southwards to include an extension meant to encompass Afghanistan. That discreet note did not make any headlines in the Western media as usually doesn't anything related to the incremental expansion of the Belt and Road Initiative throughout the Central Asian Steppes, or the deals agreed upon in Samarkand at the last summit of the Shanghai Cooperation Organisation, where India, Pakistan and China shelved their divergences, welcomed Iran, agreed on Turkey's observer status and schmoozed with Russia's president.

A new basket currency that sidelines the dollar is being planned together with a new banking system, and new energetic and digital networks linking the 68 countries that belong to the Shanghai Cooperation Organisation and comprise more than half of the humanity. The West, very sym-

A organização - um espaço onde a Índia, Paquistão e China deixaram de lado as suas divergências - acolheu o Irão, aprovou o estatuto de observador para a Turquia e desenvolveu conversações com o presidente da Rússia.

Está a ser planeado um novo cabaz de moedas que supere o dólar, juntamente com um novo sistema bancário e novas redes energéticas e digitais que conectem os 68 países membros da Organização para a Cooperação de Xangai, abarcando mais da metade da humanidade. De forma simbólica, o Ocidente estava mais preocupado com o luto coletivo da última líder do falecido Império Britânico, a Rainha Isabel II. Por outras palavras, os ocidentais optaram por olhar para o umbigo e não para o horizonte.

Isto serve, simplesmente, para constatar que existem coisas a acontecer no mundo que vão para além dos nossos olhos ocidentais e que não desejamos reconhecer, dar destaque ou mesmo compreender, e muito menos tentar acolher quaisquer pontos de vista alternativos nesta mudança sísmica no mundo.

bolically, was more concerned with the collective mourning of the last head of the late British Empire, Queen Elizabeth, the Second. In other terms, Westerners have opted to look at the navel rather than the horizon.

This is simply to note that there are things going on in the world beyond our Western eyes that we either do not wish to acknowledge, to highlight, or even to comprehend, let alone trying to embrace any alternative views in this seismic shift in world affairs.

Interpretations based on opposing ideological categories such as democracy versus autocracy, universal values versus relativist or regional values, freedom versus oppression, which can be seen as new iterations of the old adage "the West versus the rest" are not helpful to grasp the immensity and complexity of the world beyond our mental and cultural borders. What or who gives me the right to judge what I do not know and magically convince myself that my eyes are better equipped to see the world? This

As interpretações baseadas em categorias ideológicas opostas, como democracia versus autocracia, valores universais versus valores relativistas ou regionais, liberdade versus opressão, que podem ser vistas como novas repetições do velho adágio “o Ocidente versus o resto”, não ajudam a compreender a imensidão e complexidade do mundo para além das nossas fronteiras mentais e culturais. O que, ou quem, me dá o direito de julgar o que não sei, e magicamente me convencer que os meus olhos estão mais bem equipados para ver o mundo? Isto não significa defender uma postura relativista ou autodepreciativa, mas apenas duvidar do poder da minha própria interpretação, condicionada pela minha semântica cultural e pelo meu prisma geográfico e histórico. Possivelmente faríamos melhor se adotássemos uma postura menos arrogante e egocêntrica.

Existe uma impressão orwelliana de que dois grandes blocos estão em formação. Um maioritariamente oceânico, contando com redes de cabos no fundo do mar que ligam o

does not mean to defend the relativist, self-deprecating stance, but only to doubt the power of my own interpretation, conditioned by my cultural semantics, my geographic and historical prism. This suggests that we would do better by adopting a less arrogant, self-centred posture.

There is an Orwellian impression that two major blocs are being formed. One that is majorly oceanic and relies on seabed cable networks that link the Atlantic, the Indian Ocean and the Pacific, through which State hegemony reinforces digital spying control. It could be called the six plus one, the one being Sweden that sits on top of the heaviest flux of submarine cables. And another hegemon that stretches throughout the immense continent of Eurasia and relies mostly on land based connecting networks.

Atlântico, o Oceano Índico e o Pacífico, por meio das quais a hegemonia do Estado reforça o controle da espionagem digital. Poderia ser denominado de “seis elementos mais um”, sendo este um a Suécia, que se situa no fluxo mais pesado de cabos submarinos. E outro bloco que se estende por todo o imenso continente da Eurásia e que depende, principalmente, de redes de interligação terrestres.

Se esta visão fizer algum sentido, podemos considerar que a separação da terceira potência económica que é a Alemanha e, conseqüentemente, de toda a Europa Ocidental da Eurásia, é um passo que favorece as potências oceânicas, na medida em que enfraquece os efeitos económicos, políticos e de redes da *Belt and Road Initiative*. É difícil imaginar o que está por vir, numa perspetiva oriental. Mas, nesse contexto, o futuro da União Europeia parece bastante sombrio. Se a palavra eslava “Ukraina” significa “periferia”, a Europa pode estar prestes a tornar-se essa Ukraina.

FONTE: INTERVENÇÃO DE MANUEL JOÃO RAMOS

If this view makes any sense, we may consider that detaching the third economic power that is Germany - and consequently all of Western Europe - from Eurasia, is a step that essentially favours the oceanic powers in the sense that it weakens the economic, political, and networking effects of the Belt and Road Initiative. It is difficult to imagine what lies ahead from an Eastern perspective. But in such context, the European Union's future seems quite grim. If the Slavic word “Ukraina” means “on the periphery”, Europe may be about to become Ukraina.

SOURCE: INTERVENTION BY MANUEL JOÃO RAMOS